

Roça, corpo negro e escola na contemporaneidade: breve reflexão sobre a descolonização do pensamento¹

Maria Dalva de Lima Macêdo²
Francisco de Sales Araujo Sousa³

Introdução

Este trabalho propõe uma discussão sobre corpo negro rural e escola, e é resultante de pesquisas realizadas e pesquisas em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. As leituras e debates no grupo de estudo *Ruralidades e Espacialidades* do Campus IV da Universidade do Estado da Bahia contribuíram também para a construção desse trabalho.

Objetiva compreender as tramas das vivências de negros(as) da roça, estudantes em escolas públicas, atentando para a importância do corpo, enquanto ícone de identidade e de discriminação, como elemento fundamental na luta pela descolonização do pensamento na contemporaneidade. Nesse sentido, busca compreender o impacto dos processos civilizatórios que, de forma assertiva, infligiram ao corpo de negros(as) da roça estigmas, preconceitos e discriminações, determinaram civilizados e incivilizados, incluídos e excluídos, identidades e diferenças, e, impuseram paradigmas ocidentais que se firmaram como verdades absolutas na formação docente, nas universidades e nas escolas; espaço, também, de possíveis estratégias de resistência

¹ Trabalho apresentado no GT 23 Formação docente e práticas pedagógicas descolonizadoras: reflexões teóricas, relatos de experiências e estudos de caso em Sul global.

² Doutoranda em Educação e Contemporaneidade. E-mail: mdmacedo@uneb.br; Professora de História da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV.

³ Mestrando em Educação e Contemporaneidade. E-mail: fsouza@uneb.br; Professor de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV.

que implicam em formar, na efervescência contemporânea, sujeitos autônomos através da descolonização do pensamento na contemporaneidade.

Referenciais Teórico-Metodológicos

A contemporaneidade se apresenta, como o espaço/tempo global da inquietação, da fluidez, do mal-estar⁴. A solidez das teorias que, a partir do ocidente, buscavam historicizar o mundo perturba-se diante de desafios de diversas ordens. Nesse contexto, o debate sobre diversidade surge de forma impositiva, pois diferentes sujeitos que se constituíram em resistências históricas, insistem insurgentes, em ocupar os espaços, até então, ocupados por grupos hegemônicos.

Entendemos que não será possível ressignificar nossa forma de ler e estar no mundo a partir de paradigmas epistemológicos que historicamente nos colonizaram, mas, que é necessário utilizarmos novas categorias políticas e novos aportes teórico-metodológicos. Nesse sentido, a pesquisa se fundamenta, principalmente, nos estudos culturais e pós-coloniais.

Inicialmente, se faz necessário compreender quem são os sujeitos da pesquisa bem como o espaço geográfico que ele ocupa.

A roça se apresenta aqui como um determinado recorte da diversificada ruralidade brasileira. Situado no sertão, esse espaço se originou da fusão entre índios, negros e brancos empobrecidos, que em volta da casa grande ou em clareiras da mata, em áreas não ocupadas pela produção agrícola para exportação, condensaram suas experiências culturais, reinventando a vida (DEL PRIORE, 2006).

A palavra roça é polissêmica, significando o eito onde se planta e se colhe; lugar que, em oposição à cidade, representa a incivilidade e o atraso; e, ainda, território que em sucessivas desterritorialização e reterritorialização desloca paradigmas e verdades universalizantes. A roça se apresenta, nas produções discursivas e imagéticas, ora romantizada – lugar da pureza e da inocência, ora como o

⁴ Sobre mal estar na contemporaneidade ver GIDDENS, 1990; HOBBSAWM, 1995; ROUANET, 1993; SANTOS, 2001.

lugar do “cabra da peste”; ora como sinônimo de incivilidade, de vida dura, de pobreza e fome, ora como solução contemporânea contra os problemas de ordem ambiental que assolam a humanidade.

Para o morador e a moradora rural do sertão baiano o espaço no qual se movimentam é a roça. Lugar de trocas materiais e simbólicas, de vivências e experiências que fogem ao sentido imposto pela razão ocidental. Nesse sentido, a terminologia campo longe de representar o recorte espacial desta pesquisa, coloniza a roça. Portanto o conceito de roça se fundamenta no reconhecimento por parte dos sujeitos que ali vivem dessa terminologia como a que de fato traduz suas relações e interações na sua forma mais expressiva (MACÊDO, 2011).

A roça reinventada tanto no discurso que a vitimiza e/ou negativa, quanto na prática, no labor cotidiano dos seus sujeitos, nas trocas materiais e simbólicas com o urbano, transforma-se em um espaço híbrido que desfaz qualquer tentativa de purismo, de compreendê-la a partir do bipolarismo rural/urbano.

Em relação aos sujeitos dessa pesquisa, em um primeiro momento eles não afirmam uma identidade negra, situando-se fora dos espaços quilombolas e das insipientes políticas públicas que visam reparação étnico-racial. Contudo, suas vozes denunciam inúmeras situações de racismo que os vitimaram (MACÊDO, 2011). Além disso, suas experiências sócio-culturais apontam para condensação de múltiplas experiências africanas que, através de construções híbridas se perpetuaram no Brasil. Com o propósito de coisificar os africanos, vítimas da diáspora para o Brasil, durante o período colonial, os senhores responsáveis pela escravidão inviabilizavam a vivência de sujeitos que falavam uma mesma língua, detentores de uma mesma cultura (GLISSANT, 2005).

Em atos de resistência, os escravizados condensaram em espaços mínimos e de forma ressignificada, múltiplas experiências africanas, configurando, uma reterritorialização de África no Brasil. Surge, desde então uma cultura negra resultante do que Sodré chamou de “sedu o da verdade”. Desde os primórdios   através de

jogos de sedução que a roça se constitui. O canto na labuta, as rodas, as trocas solidárias, a dança como alforria do corpo etc., confere a roça uma especificidade que não se conforma, no entanto, no limite rígido da fronteira. A cultura da roça (negra) interpenetra a cultura urbana (branca), sofre a influência desta, mas, influencia também. A cultura urbana representante do princípio civilizatório ocidental branco é, dessa forma, seduzida pela cultura da roça, [...] porque é pela reduplicação, pela contiguidade, pela aproximação que a diferença ameaça seduzir a identidade branca, obrigando-a a realizar a divisão do lugar de onde fala” (SODRÉ, 2005, p. 30). Assim, a ideia de ler os sujeitos da roça como negros(as) está relacionada com a cultura negra que especifica a roça e lhe dá sentidos.

O(a) estudante da roça sofre racismo atravessado pelo estigma e discriminação do ser da roça, o “matuto”, o “tabaréu”. A sua inserção na escola abre novas perspectivas de vida e, nesse sentido, a escola pública representa quase que a única oportunidade para a mudança. É preciso orientar a escola no sentido de romper com a verdade ocidental consolidada nas academias, abrir espaços para a escuta, ouvir outras vozes. O conhecimento que impera é ainda impregnado dos ideais colonizadores e a educação escolar tanto pode disseminá-lo quanto atuar no sentido de desconstruí-lo, e, assim, descolonizar o pensamento.

A descolonização do pensamento passa pela desconstrução de estereótipos, de preconceitos e discriminações que aprisionam esses sujeitos em conceitos padronizados de corpo e estética. A beleza e a fealdade estão intimamente ligadas a padrões que definem quem está incluído e quem está excluído. Nesse sentido, o(a) negro(a) da roça apresenta um fenótipo que o(a) distancia do padrão estabelecido como ideal de beleza. A dupla cor da pele e cabelo impõe a esse sujeito o lugar da fealdade, associada a todo processo de negatização que se expressa através do corpo.

O corpo é o objeto de interação pelo qual se dá todas as trocas. Através dele, em processos relacionais, as identidades se constituem. As interações sociais

que ocorrem fora do âmbito familiar aparecem, então, como fator determinante para a positivação ou para a negativação da identidade negra. Essas interações sociais, por vezes, agregam informações e, no conjunto dessas informações, vem embutida uma série de ideologias, de valores que se apresentam com a finalidade de sujeitar o outro aos próprios interesses, ou seja, aos interesses hegemônicos colonizadores. Em outros momentos, essas interações se dão a partir e em favor de um interesse comum, do lugar da insurgência, da resistência, da ressignificação do ser no tempo e no espaço.

O corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo que é natural, o corpo é também simbólico (GOMES, 2002, p.41).

Assim, ainda que o corpo seja determinado por uma série de necessidades fisiológicas como alimentar-se, hidratar-se, descansar etc. ele experimenta as tramas relacionais que proporcionam as diversas dinâmicas de trocas e saberes, mas que também estão eivados de questões subjetivas, muitas vezes traduzidas em preconceitos e discriminações.

A questão que nos colocamos a analisar diz respeito à necessidade de uma formação que não ignore os diversos sentidos apreendidos e expressos pelos corpos desses sujeitos que, no exercício futuro de suas profissões, vão lidar constantemente com outros sujeitos e seus respectivos corpos em formação/desenvolvimento.

Embora seja possível constatar a busca pela aproximação do corpo ideal, o corpo urbano, pode-se verificar especificidades que distinguem os sujeitos da roça no que tange a questão da corporeidade. O peso da dupla discriminação sofrida por esses sujeitos marcam, de forma indelével, seus corpos e essas marcas se apresentam através de diferentes ícones identitários. De um modo geral, do ponto de vista físico, não há notáveis diferenças entre corpos desse ou daquele lugar o que vai denunciar tais diferenças são expressões corporais que embora sutis, marcam de forma indiscutível a

origem, os hábitos culturais e as posturas a exemplo da negação de uma identidade negro-rural, da ideia de que a roça é o lugar do atraso e da imobilidade social. Essas e outras premissas se tornaram historicamente verdades absolutas e induziram a naturalização da ideia de uma roça como lugar do atraso a ser, paulatinamente consumido pelo urbano, e do sujeito que ali vive como o jeca, o matuto, o tabaréu, etc.

Assim, o corpo se constitui, ao mesmo tempo, como espaço de introjeção das ideias e práticas colonizadoras e como veículo da descolonização do pensamento, uma vez que por ele passa todo processo de subjetivação que tanto pode sujeitar ou engendrar resistências.

Considerações Finais

Podemos considerar, de forma não conclusiva, que:

Os(as) estudantes da roça carregam consigo experiências dolorosas de atravessamento no que diz respeito a discriminação: além de roceiros(as) eles(as) apresentam as marcas identitárias da cultura negra da roça. Em seus relatos⁵ denunciam situações nas quais sofreram discriminação racial e expressam o peso desse atravessamento.

A roça comporta diversos sentidos e representa rupturas com terminologias que nos coloniza, a exemplo de campo, conceito externo, não reconhecido pelos sujeitos que vivem na roça. O movimento desses sujeitos na apropriação do seu real faz da roça um território de cultura negra, que, se reinventa em processos constantes de desterritorialização e reterritorialização. A roça contemporânea é negra e híbrida, assim como os sujeitos que ali vivem.

As escolas públicas, onde a maioria dos estudantes da roça se encontra, embora ainda estejam presos a paradigmas iluministas ocidentais, podem e devem atuar no

⁵ Ver MACÊDO, 2011.

sentido de desconstruir verdades absolutas, e, considerando os sujeitos históricos que a compõem abrir escutas para outras vozes seduzirem essas verdades.

Assim como os estereótipos e discriminações que afligem os estudantes da roça passam pelo corpo enquanto ícone identitário, também a desconstrução desses estigmas só se efetivará através do corpo. A existência contemporânea está marcada pela hipervalorização do corpo, a partir de um padrão de beleza baseado no homem branco ocidental que define quem são os incluídos e os excluídos.

Referências bibliográficas

- CARY NELSON, Paula A. Treichler & GROSSBERG, Lawrence. *Estudos Culturais: uma introdução*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DEL PRIORE, Mary. *Uma história da vida rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1990.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* *Revista Brasileira de Educação*, set/out/nov/dez 2002, nº 21.
- MACÊDO, Maria Dalva de Lima. *Resistência cultural de estudantes negros da roça, nas escolas públicas de Santa Bárbara –Ba Salvador: Universidade do Estado da Bahia – Uneb* (Dissertação Mestrado em Educação e Contemporaneidade), 2011.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal estar na Modernidade*. São Paulo: Schwarcz, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.